

PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM DE UM CURRÍCULO

NEAR TO THE WILD HEART OF A CURRICULUM

CERCA DEL CORAZÓN SALVAJE DE UN CURRÍCULO

Evanilson Gurgel¹ 0000-0003-2018-767X

¹ Universidade Federal Rural do Semi-árido – Angicos, Rio Grande do Norte, Brasil;
evanilson.gurgel@ufersa.edu.br

RESUMO:

O livro “Currículos: teorias e políticas”, da autora Marlucy Alves Paraíso, é uma obra fundamental para a compreensão das diversas abordagens teóricas e debates políticos que circundam a área dos estudos curriculares brasileiro. A pesquisadora não se limita a um panorama das teorias, mas as articula com as políticas educacionais, demonstrando como as concepções de currículo estão intrinsecamente ligadas às disputas de poder e ao projeto de sociedade que se quer construir. Constituído por uma introdução, oito sessões e uma conclusão, a obra apresenta desde as concepções tradicionais de currículo, passando pelas teorias críticas e pós-críticas, intercalando com as suas considerações acerca de documentos orientadores com a marca do Estado, a exemplo da BNCC.

Palavras-chave: currículo; escola; políticas curriculares.

ABSTRACT:

The book “Currículos: teorias e políticas”, by Marlucy Alves Paraíso, is a fundamental work for understanding the diverse theoretical approaches and political debates surrounding the field of curriculum studies in Brazil. The author does not limit herself to a simple overview of theories but articulates them with educational policies, demonstrating how curriculum conceptions are intrinsically linked to power disputes and the societal project one aims to build. Comprising an introduction, eight sections, and a conclusion, the work presents traditional curriculum conceptions, moving through critical and post-critical theories, while interspersing her considerations on state-sponsored guiding documents, such as the BNCC.

Keywords: curriculum; school; curricula policies.

RESUMEN:

El libro “Currículos: teorias e políticas”, de la autora Marlucy Alves Paraíso, es una obra fundamental para la comprensión de los diversos enfoques teóricos y debates políticos que rodean el área de los estudios curriculares en Brasil. La investigadora no se limita a un panorama de las teorías, sino que las articula con las políticas educativas, demostrando cómo las concepciones del currículo están intrínsecamente ligadas a las disputas de poder y al proyecto de sociedad que se quiere construir. Compuesta por una introducción, ocho secciones y una conclusión, la obra presenta desde las concepciones tradicionales del currículo, pasando por las teorías críticas y poscríticas, intercalando sus consideraciones sobre documentos orientadores con el sello del Estado, como la BNCC.

Palabras clave: currículo; escuela; políticas curriculares.

PARAÍSO, Marlucy. **Currículos:** teorias e políticas. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

Mas a libertação veio e Joana tremeu ao seu impulso... Porque, branda e doce como um amanhecer num bosque, nasceu a inspiração... Então ela inventou o que deveria dizer. Os olhos fechados, entregue, disse baixinho palavras nascidas naquele instante, nunca antes ouvidas por alguém, ainda tenras da criação - brotos novos e frágeis. Eram menos do que palavras, apenas sílabas soltas, sem sentido, mornas, que fluíram e se entrecruzavam, fecundavam-se, renasciam num só ser para desmembrarem-se em seguida, respirando, respirando... (Lispector, 1990, p. 155).

O ano era 2016, primeiro semestre. Recém ingressante em um programa de pós-graduação, me dividia entre as leituras obrigatórias das disciplinas introdutórias e aquelas que a pesquisa de mestrado exigiam de mim. Meu orientador, como com olhos de águia, percebeu que aquele projeto que eu havia apresentado na seleção de ingresso apontaria para caminhos que eu, até então, não havia previsto. “*No frigor dos ovos, é de currículo que você está falando aqui*”, disse em uma das nossas primeiras reuniões de orientação. Eu sequer mencionava a palavra em meu projeto. Não tinha lastro teórico nenhum nesse campo, embora já tivesse lido uma coisa aqui e outra acolá em minha formação inicial como licenciado em Ciências Biológicas. Aturdido pela possibilidade de ter “mais trabalho”, tentei fazer vista grossa e fingir que não era comigo que ele estava falando. Não deu muito certo. Logo ele começou a sugerir leituras na área, iniciando pelo clássico “Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo” de Tomaz Tadeu da Silva (2016) – que eu devorei em duas tardes regadas a cafeína – e, como quem sabia que seria um divisor de águas para minha trajetória acadêmica, aconselhou: “*Leia tudo o que for possível de Marlucy Paraíso*”.

Foi, portanto, em 2016 que eu “conheci” Marlucy Paraíso. As aspas servem mais para demarcar esse encontro incorpóreo, uma vez que o encontro presencial ocorreria dois anos mais tarde, quando ela generosamente aceitou o convite de participar da minha banca de defesa de mestrado. Foram poucas as vezes que tive essa sensação de intimidade com alguém que, até então, eu sequer havia visto na vida; experiências estas que se resumiam à literatura – Mia Couto, Clarice Lispector, Virginia Woolf, Lygia Fagunde Telles... – ou à sétima arte – Stanley Kubrick, Eduardo Coutinho, David Lynch... Ainda não havia passado por esse torpor de estar diante de alguém que parecia falar tão próximo aos meus anseios e aos meus desejos, tão calejado que estava da assepsia do ambiente acadêmico em minha formação inicial. Talvez tenha sido por isso que tal encontro, mesmo à distância, se deu nos moldes lispectorianos de Joana, protagonista de “Perto do coração selvagem”: *foi tão corpo que foi puro espírito. Atravessou os acontecimentos e as horas imateriais, esgueirando-se entre eles com a leveza de um instante.*

Ainda baqueado pela mudança de rota e inserção de novas leituras, passei a buscar os escritos de Marlucy Paraíso. Em uma dessas tardes que eu destinava a leitura e construção do meu referencial teórico no mestrado, sem saber ao certo por onde começar, a li pela primeira vez. Escolhi um dos textos enviados pelo meu orientador, não por ordem de publicação ou seleção temática, mas pelo título provocativo que, de pronto, me chamou a atenção: “Diferença no currículo”, publicado em 2010 na revista *Cadernos de Pesquisa*. O primeiro parágrafo já me tirou o chão. Para alguém vindo de um campo tão pragmático, em que as disciplinas ditas “pedagógicas” pareciam funcionar mais como uma ponte vacilante para os conteúdos a serem trabalhados no ensino da Biologia, Marlucy Paraíso (2010, p. 588) anunciava: “um currículo é diferença por natureza; é pura diferença; é diferença em si. Afinal, é um território de multiplicidades de todos os tipos, de disseminação de saberes diversos, de encontros “variados”, de composições “caóticas”, de disseminações “perigosas” (Paraíso, 2010, p. 588).

Eu devo ter retornado a esse primeiro parágrafo um sem número de vezes, e a cada retorno ele parecia anunciar algo alvissareiro. Como assim *um* - e não *O* - currículo? Como assim pensar um currículo a partir da diferença? Pensar o currículo *na/pela/com* a diferença parecia uma contradição, um grande desafio, uma aposta arriscada. Arrisquei. Como em choques elétricos percorrendo meu corpo-pesquisador, mais uma vez recorro a Joana: Afinal, *quantas vezes terei que viver as mesmas coisas em situações diversas?* Valeria a pena seguir sempre o caminho das pedras, buscar pelas respostas mais fáceis, fazer sempre o mesmo?

É com esse mesmo espírito de insuflar de vitalidade o campo das teorias curriculares que Marlucy Paraíso lançou, em 2023, a sua obra “Currículos: teorias e políticas”, publicada pela Editora Contexto, como parte da coleção “Educação na universidade”. Ao longo de uma introdução, nove sessões e uma conclusão, Marlucy Paraíso explora diferentes perspectivas epistemológicas a subsidiar compreensões do que seria currículo, bem como a política curricular contemporânea que “estabelece formas de selecionar saberes, conhecimentos, habilidades, competências, objetivos, decidindo e ordenando sobre o que se deve ensinar e também o que se deve aprender na escola” (Paraíso, 2023, p. 133). Em sua introdução, a autora assume a imagem do coração para reforçar o argumento de que é o currículo que faz a escola “pulsar, sonhar, desejar, planejar, discutir, disputar, lutar, fazer alianças, decidir, conquistar, ensinar, possibilitar o aprender” (Paraíso, 2023, p. 7). Inspirado por ela, também assumo aqui essa imagem-metáfora para refletir o que tem feito palpitar e vibrar na educação, na escola, nas pedagogias (dentro e fora dos espaços escolares) e do quão pertos/as estamos desse “coração selvagem” de um currículo.

Como “não há consenso em torno de quais conhecimentos devem ser ensinados, de que sujeito se que produzir ou formar e nem sobre quais elementos das culturas é preciso preservar e valorizar” (Paraíso, 2023, p. 7), a pesquisadora leva a cabo uma visão panorâmica de diferentes vertentes que constituem o campo de estudos sobre o currículo no Brasil. E o faz não em um sentido de apontar qual é o modo “correto”, “coerente” ou “adequado” de significar o currículo, mas com a generosidade de perceber que qualquer tradição “é bem mais antiga que nós mesmas e, por isso, não podemos negá-la e nem destruí-la”, argumentando ser necessário “ocuparmo-nos da tradição para lidar com os dilemas do nosso tempo” (Paraíso, 2023, p. 21).

Tradições estas muito bem apresentadas, por exemplo, na sessão em que se ocupa em apresentar as teorias tradicionais de currículo e os seus usos, evidenciando que “as ideias escolanovistas foram dominantes no Brasil no período de 1920 a 1960 e são consideradas as primeiras discussões teóricas sobre currículo” em nosso país (Paraíso, 2023, p. 47). Em seguida, Marlucy Paraíso apresenta as teorias críticas de currículo, bastante influentes no campo curricular do Brasil a partir dos anos 1980 e que nascem em um contexto de profundo questionamento que “desnudaram a escola e mostraram que ela não promovia a ascensão social; era tradicional e opressiva; era desigual, discriminadora e injusta com as classes trabalhadoras; e mesmo para as pessoas dos grupos dominantes ela era violenta e irrelevante” (Paraíso, 2023, p. 51). Daí desdobram-se também, por exemplo, a Pedagogia Popular e a Pedagogia Sócio-histórica Crítica, desenvolvidas no contexto de efervescência política do processo de redemocratização do país. Embora não sejam teorias curriculares propriamente ditas, tais pedagogias apresentam “pontos de vista e enfoques muito diferentes para os currículos” e, portanto, dignas de nota pela suas “críticas ao estado de coisas vigente” e o desejo de “transformar as desigualdades educacionais e sociais brasileiras” (Paraíso, 2023, p. 67).

Igualmente instigante é a sessão em que Paraíso se debruça sobre as teorias pós-críticas de currículo, significando-as como “um conjunto heterogêneo, com arcabouço teórico diversificado, originário sobretudo do pós-estruturalismo, das filosofias da diferença e de um híbrido de análises antropológicas, sociológicas, filosóficas, políticas, históricas e linguísticas da cultura” (Paraíso, 2023, p. 75). Focando nas chamadas *virada cultural* – que “colocou no centro das análises sociais e humanas uma discussão, problematização e usos da cultura” (Paraíso, 2023, p. 78) – e a *virada linguística* – que retirou da linguagem um papel de mero reflexo para significá-la como construcionista –, a autora evidencia o modo em que o currículo passa a ser compreendido como “dotado de uma discursividade arbitrária” (Paraíso, 2023, p. 81). Isso significa assumir a perspectiva de que um currículo nunca é desinteressado: é o

resultado daquilo que um determinado grupo “pensou, selecionou, formulou e organizou”, tornando-se, portanto, “um artefato deste mundo”, ou seja, “criado, fabricado, feito, modelado, sempre envolto em relações de poder de diferentes tipos” (Paraíso, 2023, p. 81).

Em seguida, a autora se desdobra em sessões específicas destinadas a todas aquelas perspectivas que estão sob a égide das teorias pós-críticas: o pós-colonialismo e as relações étnico-raciais, que analisam “as relações de poder entre as nações focalizando os efeitos duradouros do processo de colonialização europeia e que fazem perdurar o imperialismo cultural, político, econômico e social de algumas nações e seus povos” (Paraíso, 2023, p. 93); os feminismos, as relações de gênero e sexualidade, cuja vertente entende o currículo como um “artefato no qual raciocínios pedagógicos e culturais generificados e sexualizados são operados cotidianamente, produzindo uma variedade de ensinamentos que colocam em desvantagens, oprimem e produzem sofrimentos para estudantes e professoras” (Paraíso, 2023, p. 109); e o pensamento da diferença do currículo, com base nas filosofias da diferença de autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, imprescindíveis para que a pesquisadora confabule um currículo “experimental, nômade, para o desejo ou a potência, para a hospitalidade e para acionar uma contraconduta comprometida em criar novos modos de existência” (Paraíso, 2023, p. 123).

Ao voltar seu olhar para a sempre polêmica Base Nacional Comum Curricular, a pesquisadora analisa os termos em que “macropolíticas de currículos, aquelas feitas em processos interiores ao Estado e que correspondem às grandes orientações” acabam servindo como “base de sustentação para as decisões curriculares em todo o sistema educacional” (Paraíso, 2023, p. 133). Para tanto, se vale de um conceito de política de currículo-maior, aquela “feita pelo Estado ou com o seu aval, para atender uma espécie de fantasia de padronização, homogeneização, sempre com a justificativa de que é para garantir a qualidade da educação” (Paraíso, 2023, p. 134). A partir de um exame minucioso das peças que compuseram o jogo político de homologação da BNCC, Paraíso (2023, p. 145) argumenta, para o nosso alívio, que “apesar de todas essas tentativas de padronizar e controlar os currículos, o currículo em ação, esse currículo-menor feito em processos externos ao Estado é incontrolável”.

É com essa força do incontrolável, do que não cabe, do que persiste e prossegue resistindo que Marlucy Paraíso conclui sua obra com a fabulação de uma vida para o currículo, capaz de atender o seu desejo curricularista de “vê-lo sempre conectado à vida” (Paraíso, 2023, p. 147). Com isso, fica evidente em cada uma das sessões que Paraíso se debruça sobre currículo que é, sobretudo, de vida que ela está falando: das vidas por vezes rejeitadas, esquecidas,

apagadas, postas às margens do “projeto de sociedade” que se quer construir; das vidas que, a despeito de toda tentativa de exterminá-las, prosseguem pelas brechas e fissuras. São vidas que, ao mesmo tempo que dependem de um currículo-hospitaleiro para que suas existências sejam garantidas, é também o combustível para que um currículo possa existir. Porque, no final das contas, o que fica ao final da leitura dessa obra é a profunda coexistência entre nós e “ele”, o currículo; entre nós e aquilo que querem fazer de nós mesmos/as.

Chegar *perto do coração selvagem* de um currículo pode ser arriscado; dificilmente saímos ilesos/as. Eu nunca mais fui o mesmo desde que li as primeiras palavras de Marlucy Paraíso nos idos de 2016. Nesse sentido, espero que as novas gerações de pesquisadores/as, ao buscarem compreender as teorias e as políticas curriculares por meio desta obra, também sejam atravessados/as pelas flechas disparadas por uma intrépida pesquisadora que não só anuncia novos caminhos, como nos convoca a traçá-los. Outros territórios existenciais possíveis para a escola, para o currículo e, por que não?, para a vida...

Referências

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1990.

PARAÍSO, Marlucy. **Currículos: teorias e políticas**. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

PARAÍSO, Marlucy. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 587-604, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SOBRE O AUTOR

Evanilson Gurgel. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor da Universidade Federal Rural do Semi-árido. Líder do (ARTE)FATOS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Narrativas, Currículos e Políticas Culturais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8998948448197017>

Como citar

GURGEL, Evanilson. PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM DE UM CURRÍCULO. **Revista Espaço Currículo**, v. 18, n. 2, e75466, 2025. DOI: 10.15687/rec.v18i2.75466.